

Um teto mais amplo: um diálogo com Virginia Woolf sobre a experiência feminina na academia do sertão nordestino brasileiro

Joana Dávila Jovino Farias*
Jorge Luiz Adeodato Junior**

Resumo

Este trabalho é uma experiência em escrita criativa que toma por base o ensaio *Um teto todo seu* ([1929]2014), de Virginia Woolf, originalmente publicado em 1929. Alguns de seus questionamentos principais acerca dos aspectos da experiência e da presença feminina dentro do meio acadêmico foram incorporados e redimensionados para um contexto distinto – o de uma jovem brasileira, nordestina, e recém-ingressa em uma pequena Faculdade de Letras em uma universidade pública no sertão norte do país. Em uma dinâmica previamente proposta por autores como Coetzee, em *Diário de um ano ruim* (2008) e Elizabeth Costello (2004), neste ensaio ficcional, a voz presente no texto é a da criação e da experiência feminina, porém, por entre as linhas do texto, surgem palavras que insistem em ditar e orientar caminhos do trabalho e do pensamento, costurando discursos e visões que revelam sobre as rotações de poder dentro do ambiente acadêmico. A separação das seções em pequenos eixos temáticos é fruto de uma tentativa ensaística de rotacionar as dificuldades quanto à posição da intelectualidade feminina em uma Inglaterra de quase um século atrás ao nordeste brasileiro contemporâneo. Para além de destacar a relevância da escrita de Woolf na atualidade, o texto elabora

* Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Professora de Língua Inglesa na rede pública e privada do interior do Ceará. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1552-8686>

** Universidade Estadual Vale do Acaraú, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutorando em Teoria da Literatura (PPGL-UFPE) e mestre em Estudos da Tradução (POET-UFC). É tradutor e professor do curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7339-8481>

acerca de visões sobre as perspectivas da literatura brasileira e do ensino superior no país em um cenário marginalizado, levantando questionamentos e reflexões sobre os caminhos percorridos pelas mulheres que desejam se inserir no meio literário.

Palavras-chave: literatura; academia; experiência feminina; perspectivas acadêmicas; nordeste brasileiro.

A much larger room: a dialogue with Virginia Woolf on a young woman's experience in Northeast Brazil academia

Abstract

This work is an experiment in creative writing based on the essay *A room of one's own* ([1929]2014) by Virginia Woolf, originally published in 1929. Some of its main inquiries regarding aspects of the female experience within the academia have been incorporated and recontextualized into a distinct setting – a young woman from Northeast Brazil, who has recently enrolled in a small Faculty of Literature at a public university from her country. By a textual dynamic previously proposed by authors such as Coetzee in his *Diary of a bad year* (2008) and Elizabeth Costello (2004), in the framework of this fictional essay the main voice in the text is that of a feminine creative experience. However, between the lines, words that insist on dictating and guiding pathways of work and thought emerge, interweaving discourses and perspectives that shed light on power dynamics within the academic environment. Sections were divided into discrete thematic axes as a result from an essayistic endeavor to transpose the challenges concerning the status of female intellectuality from a nearly

century-old England to contemporary Northeast Brazil. This text elaborates on perspectives concerning Brazilian literature and higher education in a marginalized scenario, raising questions about paths undertaken by women aspiring to enter the literary field.

Keywords: literature; academy; feminine experience; academic perspectives; Brazilian northeast.

I.

Ao começar este projeto, que de início mal projeto era, tive grande relutância em aceitar que poderia desfrutar de uma escrita mais voltada à criatividade que tanto pedi. É assim: agora que tenho, que posso, não sei como usar ou o que fazer com o que me é concedido. Escrever aqui para vocês hoje, assumindo minha fala em primeira pessoa, foi de considerável dificuldade para mim. Fugir de uma linguagem acadêmica e de todas as regras impostas a nós desde que fui admitida na instituição, hoje, me parece... vulgar? No entanto, enquanto maturava ideias de como começar este texto, percebi que o fato de uma mulher inserida em um curso – superior! – de Letras não ter a coragem de cruzar a linha e fazer a conexão entre a escrita acadêmica e a ficcional toca, de diversas maneiras, questões às quais gostaria de me direcionar aqui.

Isso talvez ocorra pelo fato bastante simples de eu me ver já de antemão impedida de me aproximar de algo que teorizamos todos os dias aqui dentro da teoria literária. Por questões de gênero, talvez, a ficção, até enquanto teoria, nos parece distante. Me parece distante. Soa como causo, e a leio como lenda.

É dessa maneira, unindo mulheres, ficção e todas as dificuldades que ainda hoje há nessa relação, que olho para o ensaio em que gostaria de me inserir.

II.

A figura de quem tratarei aqui, até onde sei, não teve empecilhos para usar da construção de uma narrativa para trazer

suas ideias políticas e sociais à tona. Entretanto, é claro, ela é talvez uma das maiores escritoras modernistas de que se tem notícia, e eu sou só uma estudante do oitavo período. Mas, acima de tudo, tal como ela, eu sou uma mulher que deseja escrever. Por isso, gostaria de tratar Virginia aqui como uma colega, assim como todas as mulheres que tivemos o prazer de ver escrever, ou atuar em qualquer outra arte – e ainda as que quase o foram, ou não conseguiram. Jamais saberemos.

Nesse sentido, quando Virginia Woolf se propôs a palestrar em 1928 nas Universidades de Newham e Girton sobre mulheres na ficção, ela escreveu o ensaio que veio a se tornar *Um Teto Todo Seu* ([1929]2014), que julgo ser o mais importante sobre o tema. No ano em que estamos, em 2023, a obra completa 95 anos, e considero se tratar de um texto imprescindível para o desenvolvimento pessoal e acadêmico de inúmeras mulheres; assim julgo porque o foi para mim. A meu ver, deveria ser o livro de cabeceira de todas as que se dispõem a adentrar no meio das letras: escrevendo ficção, ou atuando na universidade, estudando e pesquisando sobre a área. Há quase cem anos, Virginia escreveu essa obra e, ainda hoje, me colocando como sua colega em tantos sentidos, afirmo que muito do passado permanece no presente.

De início, não ignoro ou desrespeito as conquistas da luta de gênero ao longo das décadas, e jamais negaria que é muito mais fácil ser uma mulher hoje do que no início do século XX; no entanto, apesar de anos de manifestos e reivindicações, ainda sinto grande distância do real progresso. Isso me ocorre nas pequenas coisas, é a sutileza do cotidiano que grita a mim sobre as limitações e opressões que ainda vivem nas entrelinhas do contrato social em muitas esferas, mas aqui, gostaria de destacar a acadêmica. É quando coloco meus pés na universidade que

sinto a contradição: se por um lado anseio pela escrita e pela teoria literária (que, em meu dia a dia, encontro apenas na academia), por outro me deparo com um grande desestímulo, não somente para escrever como para pesquisar. Sentir na pele o retrocesso me alarma quanto à necessidade de me inserir no que foi dito por Virginia, reinventar seu texto, que seja; reinventar, pois por mais que eu seja acometida por um impedimento, ainda sou capaz de me identificar com suas palavras ali escritas.

Mas a troco de quê? Caminho dos portões de entrada da minha universidade até a ala do Curso de Letras e minha sala de aula, passo por mulheres vendendo um café da manhã. Tenho consciência das muitas outras que passaram longe de serem ilustradas no manifesto de Woolf, ou de sequer ter acesso à literatura.

III.

É assim que me encontro, confrontada pela minha identidade e pelo que desejo alcançar, não somente para mim, mas também para que outras o façam no futuro. Por isso a necessidade de escrever: não apenas para externar sentimentos individuais, mas principalmente para repassar, revisar as ideias de Virginia; tal qual ela, pautar gênero e ficção, trazer os temas ao Brasil e ao Nordeste do século XXI e, talvez, levantar questionamentos antigos que permanecem realidade para muitas mulheres que não foram contempladas no ensaio de quase cem anos atrás.

A ideia de escrever sobre o tema tomou-me em crescente, ao longo de toda a minha experiência dentro da universidade. No decorrer dessa jornada, o texto inicial se metamorfoseou inúmeras vezes até se tornar o que é hoje. Essa metamorfose

se deu pois sempre surgiam pensamentos intrusivos que, de início, não identifiquei como um fator problemático dentro do espaço acadêmico, mas que, ao adquirir maturidade, foi se tornando mais perceptível. Um desses fatores é a presença quase nula de mulheres no corpo docente do meu Curso de Letras ministrando disciplinas de Literatura em Língua Inglesa. Apesar do grande respeito e admiração por meus professores, que muito me instruíram e contribuíram para o enriquecimento da minha formação, não posso me ausentar de questionar a falta de figuras femininas dentro de um espaço que eu mesma gostaria de ocupar. Ora, se olho ao meu redor e vejo tantas colegas mulheres, como nenhuma sequer está à frente de uma sala de aula discutindo conosco Mary Shelley, Jane Austen, Sylvia Plath, dentre outras? O que afasta as mulheres da literatura? A resposta para esses questionamentos talvez esteja atrelada a sintomas seculares. Basta observar vivências e preencher lacunas.

Falar de *Um Teto Todo Seu* (2014) é falar, além de gênero e literatura, sobre os recursos da narrativa; mas, um leitor desavisado pode se perguntar: o ensaio não fala sobre mulheres e ficção? Onde entra a narrativa nesse caso, a não ser que como tópico de discussão? Ora, é aí que se salienta o brilhantismo de Virginia. Eu mesma não teria condições de redimensionar as questões do ensaio à realidade brasileira, senão como mera análise crítica do texto *Um Teto Todo Seu* (2014), não fosse a perspicaz estratégia erigida por Woolf que, para embasar seus argumentos, constrói sua tese enquanto ficção. A autora cria para si mesma uma personagem e um enredo, que depois de sentir a opressão ao ser impedida de frequentar o *campus* de uma universidade por ser mulher, tem como objetivo encontrar a verdadeira marca de seu gênero na ficção – em uma pesquisa desempenhada dentro da literatura, ou

ela mesma escrevendo literatura. Fazendo isso, ela não somente toca na questão feminina, como também na sua importância e influência para o cenário literário durante os séculos.

É interessante notar como Virginia brinca com as referências históricas, não somente para causar identificação com seu leitor à época, mas também para se valer disso como ferramenta de sua narrativa e ilustrações para os seus argumentos. Mas, se Virginia era Mary Beton (Ou Seton, ou Charmichael), então, quem sou eu? Eu sou uma só, em minha própria e singular individualidade, mas na escrita quero ser todas, pois é na mulher comum, do cotidiano, que quero teórica e criativamente tocar aqui, aquelas que, em sua maioria, não tiveram as mesmas oportunidades que eu; aquelas que não podiam na época de Virginia e continuam não podendo agora. Assim, abraçando a metalinguagem de Woolf, seguiremos.

IV.

Lá estava eu, entrando em contato com Virginia Woolf pela primeira vez. Sempre tive mais afinidade com as obras modernistas, e depois de ler *Lispector* e *Plath*, a sucessão natural me pareceu Woolf. Ponderei por começar com *Mrs. Dalloway* ([1925]2017) ou até mesmo *Orlando* ([1928]2019), mas o que ouvi sobre *Um Teto Todo Seu* (1929[2014]) me chamou mais atenção. “É sobre feminismo” disseram; tive então curiosidade para começar por esse livro. Abri na primeira página e me deparei com Virginia falando diretamente a mim, citando Jane Austen e as irmãs Brontë, dentre todas as citadas, as únicas com as quais eu havia tido contato até então. Perguntei-me se seria aquele livro um dossiê dos grandes feitos de escritoras inglesas;

não precisei passar mais do que poucas páginas para descobrir que não. Aquilo se dava não apenas pelo fato de aquela não ser a intenção de Virginia, mas porque, como eu descobriria posteriormente, se fôssemos listar todas as escritoras inglesas que de fato alcançaram a relevância, o seu texto não poderia se alongar por muitas páginas, não porque não havia mulheres competentes na literatura produzida no Reino Unido, mas por razões muito mais profundas, que ficam evidentes ao longo da narrativa.

E se a lista de escritoras inglesas não seria longa o bastante, imaginemos então, a de escritoras brasileiras. Encontraríamos nomes, resistência, inclusive de mulheres lutando no Brasil pós-escravidão; no entanto, esses exemplos foram impedidos de pavimentar o caminho para que hoje não houvesse empecilhos. Ainda que haja um número muito maior de escritoras atualmente, é inegável que mulheres que não podiam escrever antes, ainda não podem hoje. E talvez por razões análogas. As correntes que nos prendem, ao menos enquanto imagem ficcional que ora tenho a liberdade de criar, são semelhantes.

Ser mulher, cearense, oriunda do interior, criada em núcleo católico e conservador já constrói para mim uma barreira nesse aspecto, mesmo dentro da academia. Mas... sou branca, e com condições de estar aqui. Meus muros são altos, mas não maiores que os de outras.

V.

Enquanto lia o ensaio de Virginia e seus intertextos, sentia como se um fator novo se abrisse para mim. Sua personagem não tratava escancaradamente de feminismo, mas todos os sutis

impedimentos e pequenas opressões que a autora vai inserindo aos poucos na trama me pareceram familiares.

Por quais razões isso se daria? Como problemas sociais de uma narrativa de quase um século atrás poderiam dialogar com o presente de uma localidade tão distante daquela em que foi produzida? Bom, o mero fato de pouco ter se ouvido falar de questões de gênero em um município do sertão do Ceará enraizado em uma religiosidade conservadora diz muito enquanto possível resposta. Nesse sentido, minha origem já foi por si só uma corrente difícil de ser quebrada: a criação católica e intolerante do interior daqui não é uma exceção, e essa cultura mostra suas consequências em toda a região – incluindo a academia. Estar dentro da universidade e me defrontar com esse contexto atrasado é o que me faz ansiar por buscar colocar esse tema em pauta, pois, se, ainda que privilegiada, sinto as barreiras de pertencer ao sexo feminino, me pergunto como estão as que não podem sequer desfrutar de meus privilégios.

A personagem de Virginia compara as condições da renomada universidade, com ingresso permitido apenas a homens, com as da universidade para mulheres. Além da clara segregação, vemos uma certa negligência: não valia a pena investir no futuro feminino? E agora, as coisas estariam diferentes? Onde é que sinto a similaridade com a realidade que Virginia ilustra?

No texto “Desigualdade de gênero da área científica ainda é realidade no cenário atual” (2022), estima-se que a presença feminina no início da jornada acadêmica é de 60%, no entanto, cai para 25% nas formações posteriores. É nesse ponto, inserida no meio acadêmico e almejando pesquisar literatura, que me vejo, para além do campo ficcional, na personagem de Woolf. Faltaria

algo a nós mulheres para não termos o mesmo destaque dentro da academia que homens? As mulheres que ouviram as palestras de Virginia eram inferiores? Não, em definitivo. Mas, esses questionamentos se tornam ainda mais reveladores se levarmos em consideração as mulheres que nem sequer podem ter acesso à universidade – marginalizadas e duplamente oprimidas, por gênero e cor.

VI.

Ainda que o fator da mulher seja algo que fala diretamente comigo, outro ponto que me toca é a escrita e a ficção. Dessa forma, me deparo com um trecho quando, ainda no capítulo introdutório, após estabelecer um panorama sobre a mudança da imagem da mulher após a Primeira Grande Guerra e seu impacto na literatura, a personagem incita a reflexão sobre o compromisso com os fatos: “Quanto mais verdadeiros os fatos, melhor a ficção” (Woolf, 2014, p. 28). Quando chego a este ponto da leitura fecho o livro e percebo como, sem que eu notasse, Virginia uniu dois grandes pilares que me envolvem nessa narrativa, aos meus muros e minhas correntes ficcionais: sou sujeito, mulher, e estou ligada à ficção por muitas amarras.

VII.

No capítulo seguinte: “Que efeito tem a pobreza sobre a ficção?” (Woolf, 2014, p. 44) e “Se a verdade não for encontrada nas estantes do museu, onde, perguntei-me, apanhando um caderno e um lápis, está a verdade?” (Woolf, 2014, p. 44).

As verdadeiras respostas, se é que existem, estão na realidade; mirei nos olhos das soluções ao longo do caminho dos portões até a sala. O Brasil responde à pergunta, o efeito da pobreza sobre a ficção é apagar toda uma classe de indivíduos que poderiam estar produzindo e se encontrando na arte, obras que jamais existirão.

VIII.

Avanço agora para um momento importante no texto de Woolf, pois gostaria de usar com vocês um jogo ficcional: e se Machado de Assis tivesse uma irmã tão talentosa quanto (ou mais do que) ele? Se ela fosse quem tivesse escrito suas obras, seria *Dom Casmurro* hoje um dos romances mais importantes da nossa literatura?

Qual seria o consenso quanto à uma suposta traição de Capitu?

É instigante imaginar uma personagem tão emblemática escrita por uma mulher... a crítica a enxergaria de uma maneira diferente? Não somente por, aqui em meu devaneio, ela ser composta através de um ponto de vista feminino, mas também pelo fato de que... julgaríamos a obra pela autora?

Dom Casmurro seria visto como um livro de uma mulher escrevendo sobre outra mulher adúltera?

Ainda bem que temos imaginação e leitura crítica suficiente para irmos longe em nosso pequeno exercício, mas tudo isso não passa de meras suposições: afinal, se Machado tivesse uma irmã brilhante, ela seria negra; em sua pele traria as marcas de uma dupla opressão.

Seria certamente casada, teria filhos, estaria submersa em trabalho e na tentativa de sobrevivência, sem tempo ou espaço ou teto para escrever. Dificilmente ouviríamos acerca de suas obras – se é que ela conseguiria enfim publicá-las. E se Machado teve sua imagem embranquecida para ser aceito, sequer conheceríamos o rosto de sua irmã.

Lanço, ainda, uma outra suposição: se Clarice Lispector fosse um homem, teria ela sido vista como hermética, louca, lésbica, bruxa? Ou a versão masculina de Clarice teria sido ovacionada como “o grande modernista brasileiro”? Estereótipos e misticismos cunhados sobre ela não o acometeriam. Ainda que a autora receba reconhecimento, não é próximo do que ela merece; ela própria o sabia ao criar um *alter ego* masculino para si em *A Hora da Estrela*. Minha impressão é a de que reside ali um querer provar sua capacidade de escrever melhor que um homem.

Em se tratando de Brasil, não é sequer necessário permanecer por muito tempo dentro da ferramenta das suposições usada por Virginia em seu texto. Temos casos de grandes mulheres que, de alguma forma, conseguiram quebrar as barreiras de suas circunstâncias, mas não alcançaram o sucesso ou relevância que mereciam. Uma delas é Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista do Brasil, primeira mulher negra a publicar um livro do gênero em todos os países de Língua Portuguesa, com *Úrsula*, de quem pouco ouvimos falar. Por que Machado e não Firmina? Desonesto dizer que haja outros motivos além de gênero.

Pouquíssimo ouvimos falar de Carolina Nabuco. Interessante que eu mesma tenha memorizado frases de seu pai, Joaquim Nabuco, para citar nas redações da escola de

modo a embasar qualquer tema que me fosse exigida opinião, mas igualmente curioso que ninguém naquele espaço de ensino tenha me falado sobre sua filha. Carolina escritora, chegando até a receber honras da nossa Academia; sucesso de público com telenovelas baseadas em um de seus livros mais famosos, *A Sucessora*.

Ninguém recorda seus feitos. Seguimos falando de seu pai.

Não é fácil e tampouco deleitoso avançar nas páginas do livro e pensar sobre todos esses fatores. Ainda que Virginia tenha concebido uma narrativa sutil, quando se é diretamente afetada pelas palavras que lê, é raro não se incomodar, principalmente quando alcanço o trecho:

Fui tola de pedir ao meu professor que me munisse de provas irrefutáveis disso ou daquilo na discussão dele sobre as mulheres. Ainda que alguém pudesse mensurar o valor do dom de qualquer pessoa neste momento, esses valores mudariam; daqui a um século muito possivelmente eles terão mudado por completo. Mais ainda, daqui a cem anos, pensei ao chegar à soleira da minha porta, as mulheres não mais serão o sexo protegido. (Woolf, 2014, p. 60).

Ao ler essas palavras vivenciando as esperanças desfeitas nos cem anos de sua previsão, ocorre-me pensar esse otimismo de Virginia para com nossos dias. Ela esperava muito mais, e nós como sociedade não fomos capazes de alcançar esse cenário.

IX.

Nesse momento, em pleno capítulo três, quando conflitos se entrelaçam em minha mente, meu diálogo com Virginia torna-se mais sério, direto, taciturno.

Por ora, talvez fosse melhor desistir da busca pela verdade [...]; restringir a pesquisa e pedir ao historiador – que não registra opiniões, mas fatos – que descreva as condições em que as mulheres viviam [...]. A ficção, quer dizer, o trabalho imaginativo, não cai como uma pedra no chão, como na ciência; ficção é como uma teia de aranha, presa por muito pouco, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos. (Woolf, 2014, p.64).

“Teia de aranha”, ela afirma e eu repito, “presa à vida pelos quatro cantos”, leio baixinho, fazendo dessas palavras um voto a conectar-me à seriedade com que ela trata a ficção.

Gostaria de evocar a importância em tratar ficção como ciência, um tipo muito peculiar de fazer científico que faz com que o fazer literário consiga tatear todas as Humanidades: a Literatura, a Linguística, a Psicologia, a Sociologia, História, e o que mais a ficção se propuser a tocar.

A ficção é tão ciência quanto arte, e necessita tanto da pesquisa acadêmica como precisa da inspiração de artistas. É por isso que, como mulheres, precisamos nos ver na ficção, precisamos ser personagens e ativamente fazer parte dela, pois é uma ferramenta de mudança que não pode ser ignorada; precisamos incluir nela mulheres que não existem nesse meio. Que figuremos nas histórias e que também as escrevamos.

X.

Algumas páginas adiante, meus olhos sombreiam Virginia afirmar:

em hipótese alguma as mulheres de classe média com nada a seu favor além de cérebro e caráter poderiam ter feito parte de qualquer um dos grandes movimentos que, todos reunidos,

constituem a visão do historiador sobre o passado. [...] Não deixou peças de teatro ou poemas pelos quais pudéssemos julgá-la” (Woolf, 2014, p. 68).

Surge em mim um pensamento angustiante. Questiono se, de fato, conhecemos nossa história quando apenas um sexo a narrou, quando até recentemente calamos a outra metade.

Como seria a nossa história se as mulheres fossem permitidas? Pois “para a mulher, pensei, olhando para as prateleiras vazias, essas dificuldades eram infinitamente mais desconhecidas.” (Woolf, 1929[2014], p. 77).

Virginia toca em problemáticas centrais para qualquer mulher que deseje escrever. Para um homem parece ser muito mais fácil ir contra a família e sair de casa. Ora, ele que encontre outra morada! Ele compõe uma fala e a academia estende-lhe um tapete; discute artigos no salão e é amparado na pesquisa; rascunha seus versos e logo encontram-lhe uma casa editorial.

Palavras são fonte de poder e, ainda assim, o nosso é um instrumento por vezes descartado, ignorado pelo mundo, que pouco percebe que também sabemos movê-lo. Muito me alegraria dizer que o giro do globo nesse século XXI é diferente do mundo de Virginia. Apesar de gozarmos de uma liberdade agridoce, nossas palavras ainda pouco significam.

É interessante notar como Virginia fala sobre como todos os homens abrem a boca para supor qualquer coisa que seja sobre uma mulher; quando fecham a boca, voltam para seus aposentos, suas casas, ou seja lá quais forem suas posses. Eu mesma falo de uma posição que, se comparada com as mulheres que quero alcançar com este texto, é bastante privilegiada: sou branca, cis, alfabetizada, com alguma carga de leitura, tenho meios para escrever. A questão é que tanto naquela época quanto hoje, o

homem sempre está confortável demais, em uma posição alta demais, estável demais para falar do que está bem abaixo dele. O homem possui algo que muitas mulheres até hoje não têm: um teto todo seu. Não apenas um: vários.

XI.

Durante todo o meu percurso em companhia desse livro, nenhum momento me tirou mais da zona de conforto do que esse:

Além do mais, está tudo muito bom para vocês, que conseguiram ingressar na faculdade e desfrutar suas próprias salas de estar - ou seriam quartos de estar? - apenas para dizer que a genialidade deveria considerar tais opiniões; que a genialidade deveria estar acima do que é dito sobre ela. Infelizmente, são precisamente os homens e as mulheres geniais que se importam mais com o que é dito sobre eles. (Woolf, 2014, p. 82).

As palavras de confronto de Virginia no trecho acima – *está tudo muito bom pra vocês?* – evocam em mim um questionamento violentamente atual. Virginia falou para universitárias que viveram há quase um século, e pergunto agora para vocês, e para mim mesma: *está tudo muito bom para nós?* Mulheres, acadêmicas, escritoras?

Quase cem anos e já estamos por acaso cansadas de desfrutar de nossa utopia sufragista?

A resposta é violenta e dolorosa. Um feminismo que fecha os olhos para a negra, a indígena, a transsexual é incapaz de sê-lo.

XII.

Trazer as ideias de Virginia para o Brasil do século XXI é alarmante. Se não por muito, pelos abismos: a distância, o tempo, outras mulheres, e outras ficções (e ausências de ficções). Há momentos em que desejo fechar o livro, no entanto, é exatamente pelo incômodo que continuo. A leitura que não incomoda pouco causa. Essa me conduziu à escrita.

“Será que o sexo interferiria de alguma forma na integridade da mulher romancista - essa integridade que considero ser a espinha dorsal de um escritor?” (Woolf, 2014, p. 106)

Vi-me em certo ponto discordando de Virginia. Quando leio a tese que a autora apresenta sobre a raiva relativa à inferioridade do gênero ter corrompido a obra de Brontë, discordo: a escrita de Brontë, assim como toda a construção de sua narrativa, vinha dos sentimentos oriundos da realidade e do contexto no qual ela estava inserida. De fato, *Jane Eyre* é bastante influenciado pelas condições do gênero, porém, a alma revoltosa e magoada da autora, assim como a de seus personagens, não permitiria a existência de tal estado de plenitude proposto por Virginia para melhorar sua obra. Aquela já era sua arte plena. Escolhi externar meus pensamentos sobre esse ponto do livro, pois ele entra em contraste com as próprias palavras da autora no início, sobre a boa ficção dialogar com a realidade. Nesse caso, Brontë dialogou mais do que nunca com sua realidade e seus conflitos internos.

Vemos muito disso em Clarice Lispector, suas obras surgem de inúmeros lugares exceto de um estado de plenitude. Por isso, acho muito difícil que qualquer mulher que, de alguma maneira, se proponha a escrever, vá entrar em qualquer estado de paz que não condiz com sua realidade. E não devemos esperar ler sobre

a paz da mulher silenciada. Se ela conseguir quebrar as correntes do seu ciclo de violência e opressão, ela deve escrever sobre como o fez. Nós devemos ler com silêncio, deferência e atenção.

Mas como teria sido interessante se o relacionamento entre as duas mulheres tivesse sido mais complicado! Todos os relacionamentos entre mulheres, pensei, repassando rapidamente a esplêndida galeria de mulheres ficcionais, são muito simples. Muita coisa foi deixada de fora, sem ser abordada. (Woolf, 2014, p. 129).

Chego então em um momento da leitura que as ideias que me aparecem adentram em questionamentos muito mais complexos. O sofrimento das mulheres é exponenciado quando inserimos sexualidade na equação. O vácuo de representatividade na ficção, tanto nela como em sua composição, é devastador. Virginia faz uma alusão no trecho acima sobre a possibilidade de vermos romances sáfcos sendo escritos, imagino o quão mais profundo seria se discutíssemos a possibilidade de romances sáfcos entre mulheres transsexuais, ou de diferentes raças, etnias, religiões. Apesar de hoje termos uma representatividade bem mais ampla do que na época de Woolf, constata-se uma deficiência nesse aspecto, não apenas na ficção, mas também na própria área acadêmica; há esforços, mas pouco vejo essa representatividade dentro do *campus*. Não é comum me deparar com indivíduos que fogem da heteronormatividade branca:

A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não só por duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres gozam de menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a mais remota chance de escrever poesia. (Woolf, 2014, p. 151)

Injusto não mencionar mulheres como Maria Carolina de Jesus, que escreveu a obra *Quarto de Despejo*, um diário que relata sua vida como uma mulher brasileira negra, pobre, e mãe solteira, em uma favela, nos anos 50. O livro leva o leitor para dentro de uma realidade dura e cruel.

Uma crueldade circular, interminável, repetitiva.

Enxergamos o sofrimento de uma mãe que encara a pobreza e a miséria, além de lidar com o descaso e negligência do governo, tudo pelo ponto de vista de uma sobrevivente.

O relato de Maria é de uma poesia ao mesmo tempo pesada e preciosa, apenas por existir.

XIII.

Posso até dizer que os olhos já me ardem, mas estar com esse livro é como se fosse uma conversa de horas. Fizemos todo esse percurso juntos para falar sobre mulheres e ficção a partir do ensaio de Virginia. Tentei, mas não cumpri o que queria. Minha intenção era tocar na mulher brasileira, em especial a nordestina, que vejo com meus próprios olhos na realidade árida, e como a ficção e seus espaços de discussão se comportam diante dessas mulheres, se as representam. E constato que não.

Fecho o livro. Fim de leitura, apenas silêncio e um sentimento desolador. A experiência de ser uma jovem mulher brasileira no século XXI lendo *Um Teto Todo Seu* é reveladora. Achei que seria transportada para uma viagem no tempo, que veria o passado das mulheres da década de 20, mas acabei me encontrando com mulheres da mesma década, só que um século adiante. Durante toda essa jornada de leitura, é

inquietante como palavras ditas quase cem anos atrás remetem a uma realidade tão diferente da qual Virginia se referia, mas em muitos aspectos tão igual.

Meu texto não tem a intenção de prever o futuro, não procuro respostas.

Nesse encontro entre tempos, percebo as linhas invisíveis que costuram as lutas das mulheres, unindo décadas em um tecido de resistência. Palavras impressas se tornam fios condutores de uma conversa entre passado e presente que insiste em sussurrar desafios fundamentais para serem enfrentados por vozes fortes e persistentes. Espero ter deixado claro quem são as que desejo alcançar ao longo de todo este texto, mas estaria sendo otimista demais se realmente acreditasse que minhas palavras encontrarão canais, chegarão até elas. O Brasil não permite que grande parte de suas mulheres se aproximem da ficção; nossa realidade grita alto demais, forte demais, e daí nos distraímos com as exigências. Com os perigos do dia.

Fim de partida. A irmã negra e nordestina de Machado de Assis, que criamos aqui com o intuito de ilustrar as dificuldades de pensar a presença da mulher na literatura e em seus espaços de reflexão aqui no Brasil, encarnará em corpos tantas vezes sacrificados. Um sacrifício em fogo que produzirá criatividade, conhecimento e ciência por intermédio da vida das desconhecidas que foram suas antepassadas – eu inclusa.

E, como seu irmão fez antes dela, ela nascerá.

Referências

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Antofágica, 2022.

BENITES, Geovana; GIORDANI, Gabhriel. Desigualdade de gênero na área científica ainda é realidade no cenário atual. *Jornal da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. Porto Alegre, 13 jun. 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/elas-nas-ciencias-desigualdade-de-genero-na-area-cientifica-ainda-e-realidade-no-cenario-atual/>. Acesso em: 31 ago. 2023.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Penguin, 2021.

BRONTË, Emily. *O Morro Dos Ventos Uivantes*. Tradução de Adriana Lisboa. São Paulo: Zahar, 2018.

COETZEE, J. M. *Diário de um ano ruim*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COETZEE, J. M. *Elizabeth Costello*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HONORATO, Suene. *Vinde, e poetizaremos!:* poemas-fichamento sobre O mestre ignorante, de Jacques Rancière. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura; Sem Nome Editora, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. São Paulo: Rocco, 2020.

NABUCO, Carolina. *A Sucessora*. São Paulo: Editora Instante, 2018.

REIS, Maria F. D. *Úrsula*. São Paulo: Penguin, 2018.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, ([1929]2014) .

WOOLF, Virginia. *Diário I*, 1915-1918. Trad. de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Editora nós, 2021.

WOOLF, Virginia. *Diário III*, 1924-1930. Trad. de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Editora nós, 2021.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Trad. de Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Penguin, ([1925]2017).

WOOLF, Virginia. *Orlando*. Tradução de Eliane Fittipaldi e Katia Orberg. São Paulo: Martin Claret, ([1928]2019).